CONTRIBUIÇÕES DA ARQUEOLOGIA PARA A INTERPRETAÇÃO DO QUILOMBO DOS PALMARES

Pedro Paulo A. Funari

Livre-Docente do Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Pesquisador do CNPq, *Research Associate* da *Illinois State University* e *Investigador* da *Universidad de Barcelona*.

O artigo trata da contribuição da pesquisa arqueológica para a interpretação de Palmares, um quilombo do século XVII. A evidência material foi interpretada por diferentes estudiosos e contribuiu para uma análise mais ampla da república de Palmares.

Palavras-chave: Palmares; quilombo; evidência arqueológica.

This article deals with the contribution of the archaeological research for the interpretation of Palmares, a seventeenth century maroon. The material evidence has been interpreted by several scholars and it has contributed to wider discussion about the runaway polity.

Keywords: Palmares; maroon; archaeological evidence.

Este artigo representa, com alterações, parte de um capítulo sobre a Arqueologia Histórica na América do Sul, a ser publicado por Teresita Majewski & Charles E. Orser Jr., *International Handbook of Historical Archaeology*, Nova Iorque, Plenum.

Agradeço aos seguintes colegas que, de uma ou outra forma, permitiram a redação deste texto: Scott Joseph Allen, Siân Jones, Matthew Johnson, Charles E. Orser, Jr. Devo mencionar, ainda, o apoio institucional da *National Science Foundation*, *Ford Foundation, National Endowment for the Humanities, Illinois State University*, UFAL, FAPESP e CNPq, A responsabilidade pelas idéias, contudo, restringe-se ao autor.

Em grande medida, a Arqueologia Histórica sul-americana tem levado adiante suas etapas de campo e análises a partir de um quadro interpretativo histórico-cultural, publicando seus trabalhos em português e espanhol, ambas razões que explicam sua pouca repercussão internacional fora do subcontinente. Além disso, uma perspectiva comprometida com o belo, consumido pela nata da sociedade, natural, talvez, em uma sociedade tão caracterizada pelas desigualdades, como a brasileira, não se sustenta em um ambiente externo menos excludente, que logo percebe que não se pode, ao mesmo tempo, louvar os objetos de arte da elite e ter um distanciamento crítico, indispensável para a ciência. Talvez pareça irônico que, hoje, a Arqueologia Histórica brasileira não seja conhecida, no mundo arqueológico internacional, pelas belas sepulturas de elite, nem pela louça que exibe em antiquários, mas pelo estudo dos vestígios da resistência à dominação expressa e oculta naqueles artefatos de elite. O estudo do quilombo de Palmares já resultou na publicação, após duas etapas de campo, de quatorze artigos acadêmicos, seis deles publicados em inglês, no exterior[1], vem sendo objeto de reflexão em inúmeros centros de Arqueologia, mundo afora, graças, também, ao seu papel proeminente no livro de Orser *A Historical Archaeology of the Modern World*. O trabalho de campo continua a produzir resultados (Allen 1997a; 1997b).

[1] Ao final, encontram-se citadas as principais publicações.

O estudo arqueológico de Palmares não seria possível sem o rigor científico das agências financiadoras internacionais. Submetemos um projeto de Arqueologia, sob direção de Charles E. Orser Jr. e deste autor, ao *National Science Foundation* dos Estados Unidos e fomos contemplados com um raro auxílio para trabalho arqueológico fora dos Estados Unidos. Obtivemos, ainda, o apoio de outros órgãos acadêmicos rigorosos, como a *Ford Foundation*, *University College London* e a *British Academy*. Assim, os resultados obtidos, nos últimos cinco anos, podem ser compreendidos neste contexto de um financiamento acadêmico internacional, baseado apenas em critérios científicos.

O estudo de quilombos, usando tanto documentos como material arqueológico (Guimarães & Lana 1980; Guimarães 1990), começou há alguns anos. O maior mocambo, entretanto, não havia sido estudado pela Arqueologia até o início dos anos 1990, quando decidimos prospectar a área. Os relatos históricos sobre este Estado baseiam-se, principalmente, nos documentos holandeses e portugueses. Os quilombos estabeleciam-se nas áreas onde havia fazendas escravistas, como no nordeste do Brasil, e é provável que assentamentos de fugitivos tivessem se estabelecido na serra, entre 60 e 100 quilómetros da costa, já no início do século XVII. O fato de Portugal estar sob governo espanhol (1580-1640) pode ter contribuído para o relaxamento do controle colonial, tornando mais fácil para os escravos a criação de uma república autônoma. Os portugueses chamavam esses mocambos "Palmares", pelas palmeiras, enquanto os habitantes preferiam a denominação "Angola janga"ou "Angolinha". Embora viessem de diferentes partes do continente africano, a maioria devia falar dialetos bantos, como sugere o nome "Angola" (figura 1; Cròs 1997: 14-46).

Antes do fim do domínio espanhol, os holandeses estabeleceram uma colônia, em 1630, no nordeste do Brasil, embora os colonos portugueses tenham continuado a viver sob os novos colonizadores, o que acabou por criar um foco constante de conflito entre os portugueses, na Bahia, e os holandeses, em Pernambuco. Estes confrontos podem ter dado oportunidade de crescimento ao quilombo, pois os quilombolas podiam jogar com as rivalidades coloniais. O holandês Bartolomeu Lintz viveu em Palmares e descreve um grande assentamento e um menor, com muita gente vivendo, de forma dispersa, nos vales. Muitos ataques holandeses fracassaram, ao tentar destruir o quilombo, cujas

aldeias cresciam em tamanho e número. Em 1645 Reijmbach comandou um ataque contra a capital, descrita como uma cidade cercada por dupla paliçada. O local compreencia mais de 200 habitações, uma capela, quatro forjas, um praça de reuniões, presididas por um chefe chamado de "rei".

Após a expulsão dos holandeses, que ocorre em seguida, os colonos mantivessem relações comerciais com os quilombolas e sabemos que o Estado era governado da capital, Macaco, por um Grande Senhor, chamado Ganga Zumba. O Estado, conhecido nos documentos da época pelo termo genérico "República", nome que designava qualquer tipo de Estado, compreendia algumas aldeias, na maioria com nomes bantos, algumas delas com topônimos tupis. Milhares moravam aí e, ainda que atacados anualmente, continuavam a crescer e chegaram a celebrar um tratado de paz em Recife, entre Ganga Zumba e as autoridades. Não se aceitou essa acomodação e, tendo o rei sido morto, foi substituído pelo seu sobrinho, Zumbi. As forças regulares não davam conta de vencer o Estado rebelde e as autoridades tiveram de contratar os paulistas (bandeirantes), sob o comando de Domingos Jorge Velho, com a promessa de entregar-lhe os despojos de guerra. Em fevereiro de 1694 Macaco caiu, diversos rebeldes fugiram, entre eles Zumbi, que foi capturado e morto, em 20 de novembro de 1695. Hoje, ainda que haja vozes discordantes, que se alegram pela destruição de Palmares (cf. Funari 1996: 150)[2], muitos consideram Zumbi e Palmares importantes símbolos para os afro-brasileiros e, na verdade, para todos os que lutam contra a opressão e pela liberdade.

O estudo arqueológico deste grande Estado rebelde centrou-se em um único assentamento, a Serra da Barriga, conhecida no século XVII como "Oiteiro da Barriga", identificada pela população local e pelos estudiosos como a capital do reino. Hoje, localiza-se na área rural de União dos Palmares, tendo cerca de 4.000 metros de leste a oeste e de 500 a 1.000 metros de norte a sul, elevando-se de 150 a 560 metros acima do nível do mar, originalmente em região florestal. Duas etapas de campo (1992-3) foram realizadas, a fim de confirmar que esta Serra, declarada Monumento Histórico Nacional em 1985, era, realmente, um quilombo, o que foi feito por meio de prospeções de superfície e trincheiras

[2] Cf. Evaldo Cabral de Melo: "não dá para mudar o que foi Palmares. Foi uma república negra, foi esmagada, e eu prefiro, aqui para nós, que isso tenha acontecido" (in Funari 1996: 150).

e quadrículas de sondagem. A cerâmica, presente em toda parte, poderia ser considerada de tradição indígena, européia ou mesclada. A segunda fase do trabalho arqueológico tem sido conduzida por um doutorando, Scott Allen, cuja dissertação de mestrado versou sobre a cerâmica (Allen 1997a) e que continua a pesquisar a Serra, desde 1996.

Graças à publicação de artigos e livros com análises arqueológicas explícitas de Palmares, ainda que o trabalho de campo esteja em suas fases iniciais, a Serra da Barriga é, hoje, o sítio histórico melhor conhecido fora de nosso país e seu estudo produziu estudos teóricos sem paralelo no subcontinente. A seguir, apresento os principais resultados, enfatizando seus diferentes quadros analíticos e conceituais. Orser (1996: 41-55; 123-129) integrou a Arqueologia de Palmares à perspectiva global que desenvolve, detalhadamente, em seu livro sobre a Arqueologia do mundo moderno. Os palmaristas mantinham fortes laços com as redes coloniais européias, praticando o escambo com os colonos e, considerando-se os conflitos interiores na sociedade colonial, Orser é tentado a sugerir que alguns colonos, ao menos, devem ter sentido liames mais estreitos com os quilombolas do que com sua elite dirigente, em particular os latifundiários. Além disso, como há referências, nos documentos escritos, à perseguição a judeus, muçulmanos, heréticos, bruxas e outros marginalizados, e à presença de alguns desses grupos em Palmares, é difícil superestimar os contatos entre rebeldes e colonos.

Os sertões eram habitados por diferentes grupos étnicos, na maioria falantes de línguas do tronco tupi e, nas fazendas litorâneas, os proprietários costumavam misturar "negros da terra" (índios) com "negros da Guiné" (africanos). Considerando-se a presença de cerâmica de estilo indígena no sítio (figura 2), as referências, nos documentos, a nativos que mantinham relações amicáveis com os quilombolas e viviam nos mocambos, e mesmo o fato de que três aldeias de Angola Janga tinham nomes nativos (Arotirene, Tabocas, Subupira), é natural supor que alguns grupos tenham se aliado às forças coloniais, enquanto outros pudessem compartilhar preocupações comuns com os rebeldes. Entretanto, a maioria dos que viviam no quilombo eram, pode supor-se, nascidos na África ou de origem africana. O tráfico negreiro trazia gente de Angola, muitos deles já cativos em África, envoltos em redes sociais africanas, ainda que Orser proponha que a dupla escravização, assim como o novo am-

biente social das fazendas, tenham levado esses fugitivos a ter laços frouxos com as tradições africanas. Um possível exemplo é a instituição de um campo de guerra, conhecido em Angola como *kilombo*, que era o resultado da intervenção européia em África, pois Palmares recebeu, também, o nome de "quilombo".

A abordagem mutualista, proposta por Orser, tenta juntar as evidências arqueológicas e escritas (cf. Knapp 1996: 146) e explicar a importância tanto de relações de grande como de pequena escala, desvalorizando a noção de uma "cultura" e enfatizando a conexão entre as comunidades, no mundo moderno, de maneira que africanos, nativos da América do Sul e europeus não podem ser dissociados. Palmares só pode ser devidamente entendida no contexto do colonialismo global, do Europocentrismo, do capitalismo e da modernidade, cada um destes elementos sendo central para a Arqueologia Histórica, em geral, e para o entendimento de Palmares, em particular (Orser 1996: 55).

O estudo da cerâmica de Palmares por Allen (1997a) estabeleceu a presença de três principais tipos: nativa, européia e local (figura 3). Rejeitando a noção de manutenção de "traços" africanos, nativos ou europeus, no registro arqueológico, Allen preferiu enfatizar que os habitantes de Palmares forjaram uma cultura nova, *sincrética*, em um *contexto* específico. A interpretação contextual facilita a compreensão do papel da cerâmica, já que se relaciona a redes de troca, à organização social, aos padrões de assentamento, à criação de identidade e assim por diante. A presença de tipos cerâmicos de estilo nativo ou europeu ressalta a integração de Palmares em um sistema regional mais amplo, uma sociedade não isolada, mas cujos escravos fugidos conheciam, muito bem, a situação colonial e contruíram uma cultura e uma identidade que podia ser usada em suas interações tanto com colonos como com indígenas. Usando a abordagem etnogenética (Allen 1997b), propõe que o processo de se tornar um novo grupo cultural, que se identificava como palmarino, desafia a busca histórico-cultural de identificadores étnicos e deveria contribuir para o desenvolvimento de um novo foco de atenção na construção da formação da identidade cultural e étnica do grupo quilombola em Palmares.

Rowlands (1998) vai mais adiante e sugere que o sítio já era ocupado por indígenas, junto aos quais os primeiros quilombolas encontraram refúgio e que,

arqueologicamente, o quadro não indica nem uma sociedade multiétnica, resultado da fusão e da assimilação, nem uma sociedade baseada na diferença étnica. Há, pois, a possibilidade de ter existido uma estrutura mais pluralista, com relativamente pouca diferenciação na cultura material, na maior parte do sítio, mas com uma distinção crescente da elite em áreas específicas do assentamento. Palmares não era, segundo Rowlands, um sítio de refúgio, mas devia seu surgimento, sobrevivência e destruição final ao papel que desempenhava no comércio entre a costa e o interior, já que os interesses mercantis e dos palmarinos se opunham àqueles da nobreza e dos latifundiários que, ao final, foram vitoriosos, devido à força dos grupos pré-capitalistas, tanto em Portugal como na colônia. Além disso, o ideal da mescla racial, que começaria a dominar a partir do final do século XVII, pelo fato de ser mais fácil reproduzir os escravos no local do que importar novos africanos, foi um efeito colateral da destruição de uma tendência pluralista, que se esboçava com o florescimento de Palmares.

Como sugere o quadro intepretativo de Rowlands, Palmares também pode ser abordado enfatizando-se a continuidade, em vez da mudança, já que o colonialismo e o europocentrismo são práticas cujas origens remontam ao mundo romano (Johnson 1997: 221). Ademais, como a sociedade colonial, especialmente no mundo ibério, recriava instituições e mentalidades de cunho feudal, como as câmaras municipais, o culto à Virgem, a estrutura social medieval, a presença da Igreja, as ordenações administrativas e comerciais, o escolasticismo e assim por diante (Funari 1998), a sociedade palmarina não estava apenas enredada com outros grupos contemporâneos, como colonos, nativos e africanos, como, também, como o passado. Não podemos entender que mouros estejam citados em documentos referentes a Palmares se não atentarmos para a mentalidade católica, de cruzada, das autoridades coloniais, que perseguiam os infiéis, tal como definidos por um pensamento de matriz medieval. O mesmo se aplica a outras continuidades, como o uso dos títulos africanos *nganga* e *nzumbi* para se referir aos líderes rebeldes, pois esses "reis", como são descritos nas fontes européias, eram considerados sagrados, de acordo com as tradições religiosas africanas. É verdade que *nganga* era, em África, a tradução de "padre católico", mas era o sacerdote da Igreja que estava sendo reinterpretado em quadros conceituais africanos, a tal ponto que mesmo o catolicismo, prati-

cado em África e em Palmares, estava profundamente envolto em uma *Weltanschauung* africana. Os ameríndios, cuja cerâmica e toponímia eram comuns em Palmares, estabeleciam continuidades com a humanização da paisagem no interior do nordeste, na medida em que vasos, serras, rios e outros contextos ambientais eram interpretados de acordo com suas próprias tradições locais, mais do que africanas ou européias.

A busca da identidade de Palmares fornece, portanto, evidência de que as abordagens normativas e estruturalistas deixam de lado o fato de que as práticas sociais são estruturadas por esquemas culturais de sentido e tais orientações estruturais são dialéticas, na medida em que tanto estruturam como são estruturadas pela prática social (Jones 1997: 117). Aspectos isolados, como nomes africanos ou topônimos indígena, não conseguem explicar a identidade dos palmarinos, pois sua comunidade era, a um só tempo, o resultado de contatos e contextos contemporâneos e de diferentes tradições. Ademais, o estudo arqueológico dos vestígios, considerados "patrimônio nacional", parte de um discurso atual sobre a sociedade brasileira, sua História e identidade, deve estudar a relação entre a pesquisa científica e as interpretações sociais. A História da Ciência é, à esta luz, essencial para a interpretação crítica das construções discursivas a respeito deste, assim como de qualquer outro tema arqueológico (Funari 1996d) e a desconstrução das narrativas dominantes é não menos importante para a compreensão das implicações de nossos próprios quadros conceituais de interpretação.

REFERÊNCIAS E PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES ARQUEOLÓGICAS SOBRE PALMARES

Allen, S.J. 1997a Africanisms, mosaics, and crativity: the historical archaeology of Palmares, *Idéias*, no prelo.

Allen, S.J. 1997b The ethnogenesis of the Palmarino: preliminary directions in the historical archaeology of a seventeenth-century Brazilian quilombo, *Revista de História da Arte e Arqueologia* 3, no prelo.

Cròs, C. R. 1997 *La Civilisation Afro-Brésilienne*. Paris, Presses Universitaires de France.

Funari, P.P.A. 1996 Novas perspectivas abertas pela Arqueologia da Serra da Barriga, in L.M. Schwarcz & L.V.S. Reis (orgs), *Negras Imagens*, São Paulo, Edusp, 139-152.

Funari, P.P.A. 1991 A Arqueologia e a cultura africana nas Américas, *Estudos Ibero-Americanos* 17: 61-71.

Funari, P.P.A. 1994 La cultura material y la Arqueología en el estudio de l a cultura africana en las Américas, *America Negra* 8: 33-47.

Funari, P.P.A. 1995a The archaeology of Palmares and its contribution to the understanding of the history of African-American culture, *Historical Archaeology in Latin America* 7: 1-41.

Funari, P.P.A., 1995b A cultura material de Palmares: o estudo das relações sociais de um quilombo pela Arqueologia, *Idéias* 27: 37-42.

Funari, P.P.A. 1995c Mixed features of archaeological theory in Brazil, in *Theory in Archaeology, A world perspective,* edited by P.J. Ucko, pp. 236-250. Routledge, London.

Funari, P.P.A. 1996a A 'República de Palmares' e a Arqueologia da Serra da Barriga, *Revista USP* 28: 6-13.

Funari, P.P.A. 1996b A Arqueologia de Palmares, sua contribuição para o conhecimento da História da cultura afro-americana, in *Liberdade por um Fio, História dos quilombos no Brasil*, J. J. Reis and F. S. Gomes (orgs), pp. 26-51. Companhia das Letras, São Paulo.

Funari, P.P.A. 1996c Novas perspectivas abertas pela Arqueologia na Serra da Barriga, in *Negras Imagens*, L.M. Schwarcz & L.V.S. Reis (orgs), pp. 139-152. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Funari, P.P.A. 1996d Historical archaeology in Brazil, Uruguay, and Argentina, *World Archaeological Bulletin* 7: 51-62.

Funari, P.P.A. 1996e A Arqueologia e a cultura africana nas Américas. In *Raízes da América Latina*, F.L.N. de Azevedo & J.M. Monteiro (orgs), pp. 535-546. Expressão e Cultura/ Edusp, São Paulo.

Funari, P.P.A. 1996f Archaeological theory in Brazil: ethnicity and politics at stake, *Historical Archaeology in Latin America* 12: 1-13.

Funari, P.P.A. 1996g O amadurecimento de uma Arqueologia Histórica mundial, *Revista de História* 135: 163-168.

Funari, P.P.A. 1997 Brazilian archaeology: a reappraisal, in *Archaeology in South America*, edited by G. Politis. Routledge, London, forthcoming.

Funari, P.P.A. 1998 Historical archaeology from a world perspective, in *Back from the Edge, Archaeology in history*, edited by P.P..A. Funari, S.Jones and M. Hall. Routledge, London, forthcoming.

Funari, P.P.A., S. Jones, & M. Hall, 1998, *Back from the Edge, Archaeology in history*. Routledge, London.

Guimarães, C.M. & Lanna, A.L.D. 1980 Arqueologia de quilombos em Minas Gerais, *Pesquisas* 31: 146-163.

Guimarães, C.M. 1990 O Quilombo do Ambrósio: lenda, documentos e Arqueologia, *Estudos Ibero-Americanos* 16: 161-174.

Johnson, M. 1998 Rethinking historical archaeology, in *Back from the Edge, Archaeology in history*, edited by P.P.A. Funari, S. Jones and M. Hall. Routledge, London, forthcoming.

Jones, S. 1997 *The Archaeology of Ethnicity, constructing identities in the past and present*. Routledge, London.

Knapp. A.B. 1996 Archaeology without gravity: postmodernism and the past, *Journal of Archaeological Theory and Method* 3: 127-158

Lima, T.A. 1995 Pratos e mais pratos: louças, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX, *Anais do Museu Paulista*, N.S. 3, 129-194.

Orser, C.E. & Funari, P.P.A. 1992, Pesquisa arqueológica inicial em Palmares, *Estudos Ibero-Americanos* 18: 53-69.

Orser, C.E. 1992a *Introdução à Arqueologia Histórica*. Oficina de Livros, Belo Horizonte.

Orser, C.E. 1992b *In Search of Zumbi. Preliminary Archaeological Research at the Serra da Barriga, State of Alagoas, Brazil*. Illinois State University, Normal.

Orser, C.E. 1993 *In Search of Zumbi. The 1993 Season*. Illinois State University, Normal.

Orser, C.E. 1994 Toward a global historical archaeology: an example from Brazil. *Historical Archaeology* 28: 5-22.

Orser, C.E. 1996 *A Historical Archaeology of the Modern World*. Plenum, New York.

Orser, C.E. *forthcoming* The challenge of race in American historical archaeology. *American Anthropology*.

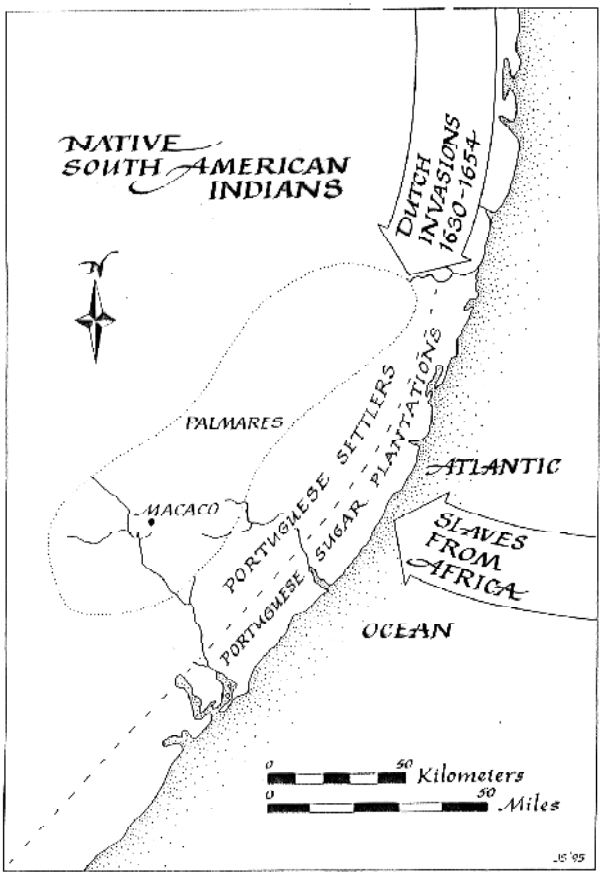


Figura 1. Diversidade cultural em Palmares, no século XVII, segundo Orser (1996: 54).

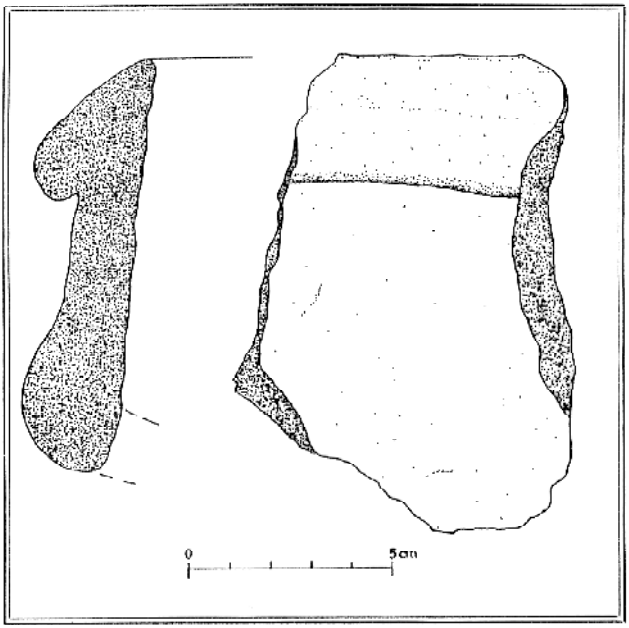


Figura 2. Cerâmica encontrada na Serra da Barriga, de estilo indígena (Orser 1992b: 34).

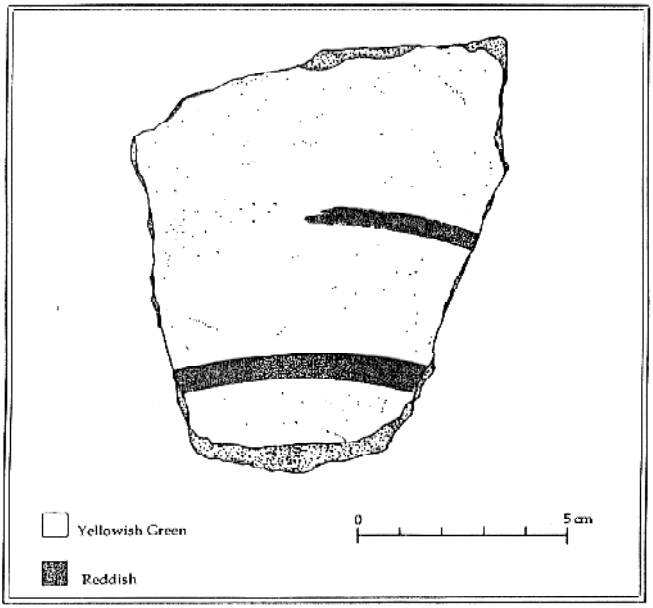


Figura 3. Maiólica encontrada na Serra da Barriga (Orser 1992b: 37).